

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



REPÚBLICA

VOLUME 27, 2006

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A SOCIABILIDADE CULTURAL DURANTE A Iª REPÚBLICA

O Caso de Coimbra

O conceito de "sociabilidade" emergiu na historiografia em finais da década de sessenta do século passado e ficou a dever-se a Maurice Agulhon transformando-se, desde então, numa ferramenta útil para o trabalho do historiador. A partir daí, a sociabilidade passou a ser um objecto da história tornando-se um dos campos de investigação mais fecundos e situando-se na encruzilhada da antropologia cultural, da etnologia da vida quotidiana, da sociologia do ócio e da história social, política e cultural, ao pressupor uma multiplicidade de formas e de espaços* * (1). A sociabilidade é cultural na medida em que os grupos sociais "produzem" necessariamente uma cultura espontânea ao desenvolverem as suas actividades diárias. De modo que o social se liga indissociavelmente ao cultural uma vez que toda a cultura é a cultura de um grupo, embora também funcione como mediação entre o indivíduo e a sua

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Ceis20).

(1) Jean-Louis Guereña, *Sociabilidad, Cultura y Educación en Asturias Bajo la Restauración, (1875-1900)*, Oviedo, Real Instituto de Estudios Asturianos, 2005, pp. 23-27. Para uma reflexão sobre o conceito veja-se Maurice Agulhon, "La sociabilité est-elle objet d'histoire?", *Sociabilité et société bourgeoise en France, en Allemagne et en Suisse, 1750-1850*, Ed. por Étienne François, Paris, Éditions Recherche sur les Civilisations (Travaux et Mémoires de la Mission historique française en Allemagne), 1986, pp. 13-22.

experiência⁽²⁾. Ora, é esta articulação entre o social e o cultural o nosso enfoque na abordagem que nos propomos fazer da cultura numa pequena cidade de 30.000 habitantes como era Coimbra durante a vigência da Iª República⁽³⁾. E, se a maioria da sua população era analfabeta, facto que condicionava a fruição da cultura tal não impedia que uma fracção significativa da sociedade coimbricense usasse os momentos de ócio para participar nas actividades culturais múltiplas que o regime permitia e até fomentava através dos Centros político-partidários e das "sociedades" culturais e recreativas numerosas na cidade. Principal urbe universitária do país, Coimbra conhecia a crise desta instituição secular. Porém, a nossa análise não se centrará na cultura universitária, mas procurará antes incidir sobre as manifestações culturais produzidas na cidade, em geral. A época caracteriza-se por grandes mudanças no campo da cultura⁽⁴⁾, especialmente, devido à difusão do cinema que veio democratizar a fruição cultural e do teatro que, não obstante a sua crise, se aproximou do público.

O cinema

O cinema veio revolucionar os hábitos de consumo cultural ao permitir o acesso à cultura dos estratos sociais que não frequentavam o teatro por o considerarem elitista. A divulgação daquela forma de arte começara nas barracas de feira através da firma francesa Pathé onde a população

(2) Antoine Prost, "Sociale et culturelle indissociablement", *Pour une Histoire Culturelle*, sous da dir. de Jean-Pierre Rioux et Jean-François Sirinelli, Paris, Éditions du Seuil, 1997, pp. 131-146.

(3) Armando Carneiro da Silva, *Evolução Populacional Coimbrã*, Coimbra, Sep. do *Arquivo Coimbrão*, vol. XXIII, 1967, pp. 92-93.

(4) Segundo Eduarda Dionísio "Os quinze anos que correspondem à I República (5 de Outubro de 1910 a 28 de Maio de 1926) constituem um período cultural com uma identidade própria, na medida em que se regista a existência de uma política cultural dominante, o aparecimento de novas formas de organização da cultura e de modos específicos de a consumir, mas que não aparece com uma identidade própria do ponto de vista da produção cultural, nomeadamente no domínio da criação literária e artística". Eduarda Dionísio, "A Vida Cultural Durante a República", *História Contemporânea de Portugal*, dir. de João Medina, Lisboa, Amigos do Livro, Editores, 1985, p. 9.

portuguesa se habituara a este tipo de espectáculos. As origens do cinema mudo situam-se, em Coimbra, em 1907, ano em que no teatro Afonso Taveiro, na rua da Sofia, fora instalado um animatógrafo, como então se dizia, Urban. Nos finais de 1908, seriam inauguradas sessões de imagens animadas no Teatro Circo Príncipe Real variadíssimas e de "belo efeito". Em consequência da implantação da República este Teatro mudou de nome e passou a chamar-se Teatro Avenida⁽⁵⁾. Pelas suas características o cinema que então era visto pressupunha uma "indústria" incipiente uma vez que, como os filmes tinham, em geral, uma curta duração recorria-se a artistas de variedades, que circulavam pelos diferentes países e que aqui completavam os espectáculos. Assim, era moda apresentar estas sessões no mesmo espaço físico, intercalados entre si, sendo acompanhadas normalmente por um grupo musical, que contrariava a mudez das fitas⁽⁶⁾ as quais só começaram a ser legendadas, em português, a partir de 1917-1918.

Nos inícios da República era possível ver cinema, em Coimbra, no Teatro Avenida, no Salão da *Associação dos Artistas* (entre Março de 1913 e Fevereiro de 1914)⁽⁷⁾ e, desde os finais de 1914 no Teatro Sousa Bastos. Mais tarde chegou a ver-se cinema num animatógrafo instalado no campo de Santa Cruz. O Teatro Sousa Bastos, inaugurado em Junho de 1914, entrou em concorrência com o Teatro Avenida, facto que duraria até 1917, ano em que a empresa desta casa de espectáculos passou também a controlar aquele Teatro. Segundo o articulista do jornal *A Humanidade*, a intenção era trazer ao Sousa Bastos, quando a casa de espectáculo abriu, "o que de melhor se faz lá fora", apresentar variedades e música, três vezes por semana, com o grupo musical do Teatro⁽⁸⁾.

Em 1911, no Avenida apenas se podia ver cinema aos sábados e aos domingos mas, a partir desse ano, começaram a ver-se filmes quase diariamente. Entre 1912 e 1918 vários jornais boicotaram as notícias sobre os espectáculos deste Teatro em virtude de um conflito com a empresa,

⁽⁵⁾ Maria do Rosário Coimbra de Almeida, *O Teatro Avenida e o Cinema. Memórias das Sessões Cinematográficas 1892-1931*, p. 4. (texto policopiado).

⁽⁶⁾ Lígia Inês Gambini, *Teatro Sousa Bastos. As Primeiras Décadas de História*, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1999, p. 43.

⁽⁷⁾ Podia ler-se num dos jornais da cidade: "Têm-se realizado todas as noites sessões cinematográficas dignas de apreço", *A Humanidade*, n.º 130,11-5-1913.

<8> *Idem*, n.º 271, 8-10-1914.

que desconsiderava os jornalistas ao recusar dar-lhes bilhetes para assistirem aos filmes, ou por lhe serem atribuídos os piores lugares da sala. Assim, a *Gazeta de Coimbra*, o *Jornal de Coimbra*, o *Povo de Santa Clara*, a *Humanidade* e os correspondentes de *O Século*, de *O Mundo* e de a *República* deixaram de noticiar os eventos culturais desta casa de espectáculos. Apenas *A Província* e *O Despertar* forneciam informações sobre o que aí se passava até 1920.

O interesse do público pelo cinema era grande e os bilhetes esgotavam especialmente aos fins-de-semana. Ora, não deixa de ser significativa esta apetência do público pelo cinema tanto mais que a sala do Teatro Avenida tinha uma lotação próxima dos 1.000 lugares e a do Sousa Bastos também se aproximava deste número. Numa cidade com uma população maioritariamente iletrada não deixa de surpreender este interesse do público pelos espectáculos diários do animatógrafo. Contudo, o comportamento de uma parte da assistência nem sempre era correcto como se comprova com a denúncia, pela imprensa, das "arruaças" no Avenida provocadas por vários estudantes de "capa e batina"⁽⁹⁾ que faziam barulho e incomodavam os espectadores⁹ ⁽¹⁰⁾. Os espectáculos de teatro eram, muitas vezes, interrompidos pelos jovens académicos que não se coíbiam, durante a noite, de apagar "os candeeiros da iluminação pública", partir bancos e árvores, arrancar tabuletas etc., ficando as suas acções impunes. Por vezes, entravam em conflitos violentos com a polícia à porta dos Teatros⁽¹¹⁾. Foi neste quadro, que ocorreram graves acontecimentos em consequência de um conflito no Avenida entre os estudantes e a polícia os quais degeneraram num outro entre académicos *efutricas*. Os «estudantes saíram da sala, partiram muitas cadeiras e apedrejaram o Teatro, enquanto a polícia disparou vários tiros de revólver e prendeu quatro académicos. A partir da meia-noite houve um ajuntamento de estudantes, na Praça 8 de Maio, onde foram dadas morras à polícia. Por seu lado, muitos populares apoiaram as autoridades. Daí resultaram vários estudantes feridos e outros recontros com *futricas*. Perante a gravidade dos factos, 1.200 académicos reuniram-se na Sala dos Capelos tendo muitos deles

⁽⁹⁾ Ao escrever sobre o Teatro Avenida afirmava um jornalista: "Cinema, todas as noites é ali o ponto de reunião. Havendo sempre grande concorrência. O pior é a arruaça que ali fazem alguns graciosos de capa e batina!", *Notícias de Coimbra*, n.º 357, 22-2-1911.

⁽¹⁰⁾ *Jornal de Coimbra*, n.º 55, 4-11-1911.

⁽¹¹⁾ *Gazeta de Coimbra*, n.º 17-2-1912.

insultado a cidade de Coimbra. De entre as propostas aprovadas destaca-se uma que boicotava a ida ao Teatro Avenida. Nessa sequência houve tiros contra populares na Alta e teve que vir tropa de Aveiro e Lisboa para acabar com os confrontos⁽¹²⁾. Em 1920, no Avenida, um espectáculo de teatro foi suspenso pela plateia dessa casa e a pianista viu-se obrigada a abandonar o seu lugar⁽¹³⁾ * *. Perante o mau comportamento de uma parte do público nos cinemas, a imprensa exigia a intervenção das autoridades para "manter dentro do Teatro Avenida o respeito e a educação que são devidos a todas as casas de espectáculo [...] não pode admitir-se que um reduzido número de safardanas (é este o termo), se permita usar de toda a liberdade de impropérios para perturbar e ofender o respeito devido aos restantes espectadores, em cujo número se contam senhoras da nossa melhor sociedade. Adopte a autoridade todos os meios, mas todos, de repressão, e terá prestado um óptimo serviço ao bom nome de Coimbra."⁽¹⁴⁾

Se os estudantes frequentavam muito o cinema, torna-se difícil explicar o tipo de público que acorria aos Teatros para ver a "fotografia animada". Julgamos, porém, que não andaremos longe da verdade se dissermos que seriam a pequena e média burguesias urbanas a frequentarem as casas de espectáculos. Se assim nos parece ser, acreditamos que os espectáculos de teatro e de música eram mais concorridos pelas elites de Coimbra que aproveitavam as sessões para manifestações da sua vida social. Segundo a imprensa da época, o Teatro Avenida era "o cine preferido pelo público de Coimbra"⁽¹⁵⁾, mas o Teatro Sousa Bastos era a casa de espectáculos frequentada pela elite aristocrática e burguesa da cidade. Contudo, alguns jornais afirmam, por vezes, que a referida elite também ia ao Teatro Avenida. Assim, podia ler-se num dos jornais da cidade que "É sem dúvida neste teatro que as famílias da nossa primeira sociedade dão *rendez-vous* todas as noites"⁽¹⁶⁾. Por outro lado, o mesmo periódico afirmava que o Sousa Bastos - "bonito e elegante teatro" - está "sendo preferido pelo público que ali encontra comodidade"⁽¹⁷⁾. Em meados da

(12) > *Idem*, n.º 198, 28-5-1912.

<13> *Idem*, n.º 1077, 6-11-1920.

<14> O *Despertar*, n.º 377, 10-11-1920.

<15> *Idem*, n.º 68, 25-10-1917.

<16> *Idem*, n.º 3, 9-3-1917.

(17) *Idem*, n.º 1, 2-3-1917. Num outro número do jornal podia ler-se que é no Sousa Bastos que "incontestavelmente" "todas as noites dá *rendez vous* a elite conimbricense". *Idem*, n.º 8, 27-3-1917.

década de 10 as enchentes⁽¹⁸⁾ ¹⁹, provocadas por um público entusiasta, eram frequentes nos dois principais Teatros. Via-se cinema e ouvia-se música tocada pelos grupos de cada urna das casas de espectáculos. A música abria normalmente a sessão preenchida por um filme mudo. O jornal *O Despertar* não se coibia de elogiar os espectáculos cinematográficos "concorridísimos" do Sousa Bastos e do Avenida. Os filmes eram complementados, por vezes, com a actuação de bailarinas estrangeiras - sobretudo espanholas - cançonetistas e outros artistas que "com a sua graça, a sua beleza, o seu encanto e a sua arte."⁽¹⁹⁾ muito contribuíam para o êxito dos espectáculos. No ano de 1917, o Sousa Bastos atingia o maior prestígio em virtude da qualidade e actualidade dos filmes apresentados e dos próprios espectáculos de variedades. Por isso, podia ler-se num periódico da cidade que este Teatro "continua sendo o ponto de reunião da elite conimbricense"⁽²⁰⁾. Na verdade, tanto numa casa como na outra viam-se filmes de grande sucesso mundial, substituídos periodicamente por espectáculos teatrais levados à cena pelas companhias de Lisboa e, por vezes, por grupos estrangeiros. Segundo o testemunho dos jornais da época, as empresas faziam grandes investimentos para apresentar espectáculos de qualidade. A existência de dois Teatros, numa cidade pequena, suscitava uma forte concorrência entre os empresários que se sucederam à frente destas duas casas. As fitas exibidas eram de vários géneros, desde as policiais, às cómicas passando pelas "naturais" completadas por espectáculos de variedades que englobavam dançarinos, acrobatas, malabaristas, barristas, etc., facto que os aproximava dos espectáculos de teatro-circo⁽²¹⁾. Em sessões que se pretendiam populares os preços praticados eram baixos e, por isso, as empresas sucederam-se especialmente no Sousa Bastos (6 empresários entre 1914 e 1919).

O teatro e especialmente o cinema eram, por vezes, objecto da crítica jornalística devido aos efeitos nefastos sobre a moral da sociedade. Os filmes policiais foram frequentemente objecto dessas opiniões desfavoráveis por ensinaram os meios de pôr em prática os actos criminosos. Profusamente anunciadas essas películas contribuiriam para o aumento

⁽¹⁸⁾ *O Debate*, n° 76,15-11-1914.

⁽¹⁹⁾ *O Despertar*, n° 8, 27-3-1917.

⁽²⁰⁾ *Idem*, n° 13,13-4-1917.

⁽²¹⁾ Lígia Inês Gambini, *ob. cit.*, p. 46.

do crime. Segundo alguma imprensa, podendo ser escolas de moralização, o cinema e o teatro acabavam por contrariar os bons costumes sociais ajudando a criar criminosos em vez de formarem bons caracteres⁽²²⁾.

Seria naturalmente fastidioso referenciar aqui todos os filmes mudos exibidos, em Coimbra, durante a 1ª República. Porém, dado que os empresários se encontravam ligados às empresas principais de Lisboa julgamos que todos, ou quase todos os filmes que passavam pela capital, também eram apresentados na cidade do Mondego. Segundo um periódico de Coimbra, a empresa do Avenida estava "sempre pronta a servir o público" não se poupando a "despesas para nos dar constantemente estreias dos melhores filmes da actualidade e os que maior e mais retumbante sucesso têm feito nos cinemas da capital"⁽²³⁾. A procura do cinema era tal que chegou a haver cenas de violência física à porta do Teatro que exigiram a intervenção policial devido à disputa de bilhetes para as sessões. Em virtude do sucesso, a empresa chegou a promover a estreia de três filmes no mesmo dia. Em geral, os grandes filmes estrangeiros eram exibidos no Avenida e no Sousa Bastos, mas nos inícios de 1918 foi apresentado um documentário português de propaganda ao sidonismo. Por vezes também eram exibidos filmes de amadores, como sucedeu com a película sobre a Figueira da Foz do fotógrafo Gabriel Tinoco, o qual sonhara com a criação de uma verdadeira indústria de cinema em Coimbra.

O cinema apresentado era norte-americano, italiano, francês, inglês, espanhol e "português"⁽²⁴⁾. Se bem que realizado pelo francês Pallu o filme os *Fidalgos da Casa Mourisca* - adaptação do romance de Júlio Dinis - era interpretado por actores portugueses e pôde ser visto em Coimbra (1921) no Teatro Avenida. No ano seguinte foi exibida, na mesma sala de espectáculos, a película *Amor de Perdição*, adaptação do romance de Camilo Castelo Branco. Este filme também foi realizado por Georges Pallu, enquanto Maurice Laumann dirigiu as luzes. Num filme que exigiu um significativo investimento financeiro, os actores eram portugueses. Depois da sua estreia, em Lisboa, no cinema Olímpia seria exibido,

(22) *Gazeta de Coimbra*, nº 507, 7-6-1916.

23* *O Despertar*, 27-3-1917.

(24) Sobre a evolução do cinema português veja-se Luís de Pina, *História do Cinema Português*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1986, p. 13 ss.

em Coimbra, no Avenida. Inspirado na obra de Afonso Gaio, *O Condenado* passou no écran da mesma casa de espectáculos em três dias seguidos e quatro sessões sempre com enchentes⁽²⁵⁾. A realização era francesa - Mário Huguin - mas os protagonistas eram portugueses. Facto curioso foi o aparecimento de Almada Negreiros a interpretar o papel de um clínico⁽²⁶⁾. Mencionámos aqui apenas algumas das fitas exibidas na cidade por razões óbvias de espaço e, porque julgamos que seria desinteressante enunciar a listagem de todas as películas exibidas umas com mais interesse, outras desinteressantes. Refiro apenas, que o famoso Chariot, pseudónimo de Charles Chaplin, era visto com muito agrado pelo público conimbricense da época. Para além de filmes completos e com uma história começaram a exhibir-se documentários sobre a actualidade nacional e internacional e pequenas produções em série à semelhança das actuais telenovelas. Parece que o público preferia os filmes cómicos e de aventuras, ou as comédias ligeiras, embora não faltassem as tragédias e os filmes históricos⁽²⁷⁾. Os efeitos do cinema nos hábitos de consumo cultural foram enormes uma vez que de Lisboa, o gosto pelos filmes alargou-se às principais cidades do país e, nos finais dos anos 20, tinha conquistado toda a província.

O teatro

Durante a Iª República não havia grupos de teatro profissionais em Coimbra, embora se tivessem feito alguns esforços no sentido de levar à cena peças representadas por amadores⁽²⁸⁾. Por isso, este género de espectáculos apenas era visto periodicamente através das récitas de Companhias de Lisboa que, em geral, também apresentavam as suas peças em Coimbra. Companhias como as do Teatro República, do Avenida, do Éden Teatro, do Teatro Nacional (antigo D. Maria), do Apoio, do Teatro Ginásio de

⁽²⁵⁾ *A Notícia*, n° 118, 22-2-1922.

⁽²⁶⁾ Luís de Pina, *ob. cit.*, p. 49.

⁽²⁷⁾ *Nova História de Portugal. Portugal da Monarquia para a República*, coord. de A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1991, p. 666.

⁽²⁸⁾ Sobre o teatro popular podia ler-se num dos periódicos da cidade: "Felizmente prosseguem sem desânimo os trabalhos do grupo organizador dessa civilizadora tentativa", *Jornal de Coimbra*, n° 10, 22-11-1911.

Lisboa, do Politeama, do Teatro Sá da Bandeira do Porto e outras representaram nos Teatros Avenida⁽²⁹⁾, e Sousa Bastos. Normalmente as companhias da capital, ou estrangeiras traziam a Coimbra três ou quatro peças de teatro que apresentavam em noites diferentes para espectadores que adquiriam os bilhetes para todos os espectáculos. Em geral, as sessões teatrais esgotavam as salas. As elites de Coimbra gostavam de ver teatro, mas também outros grupos sociais burgueses. As representações eram, quase sempre um acontecimento cultural na cidade e o teatro funcionava como um elemento de sociabilização das classes elevadas e dos grupos sociais mais cultos. A presença de uma Companhia de teatro vinha quebrar o ritmo lento das longas noites de Inverno numa cidade onde havia pouco para usufruir em termos de lazer. Lembremos que, apenas existiam alguns cafés, embora proliferassem as tabernas⁽³⁰⁾ mal conhecidas devido à ausência de fontes. Os jornalistas queixavam-se da monotonia da vida da urbe e, quando actuava uma Companhia de teatro, as classes letradas entusiasmavam-se. É certo que a sociedade se organizava em Centros políticos e também se conhece o papel social desempenhado pelos clubes recreativos e culturais, mas a arte do espectáculo teatral só se manifestava temporariamente. O público que frequentava os Teatros Avenida, Sousa Bastos, Trindade e o "teatrinho" do Centro Fernandes Costa podia ver comédia, opereta, drama e teatro de revista. Em Coimbra actuaram, na época, as melhores actrizes e actores - Palmira Bastos (viúva do dramaturgo

⁽²⁹⁾ Tal como acontecia no cinema, o público também se mostrava, por vezes, muito indisciplinado no teatro. Sobre o assunto podia ler-se num jornal da cidade: "O público que frequenta o teatro e que faz dele praça pública. Deve ser obrigado a entrar na ordem, porque não pode admitir-se que vão para ali assobiar, dirigir piadas aos artistas, interromper o espectáculo por várias formas e feitios, chegando mesmo à troca de ditos que ferem a moralidade pública", *Notícias de Coimbra*, n.º 364, 18-3-1911.

⁽³⁰⁾ Sabemos que as tabernas, com uma grande tradição em Coimbra, desempenhavam um papel importante na sociabilização da existência. Contudo, para este período não conseguimos obter dados novos na imprensa. Apenas tivemos conhecimento, pelas leituras que fizemos, de um movimento dos taberneiros contra o encerramento dos seus estabelecimentos ao domingo, dia em que a clientela provavelmente era maior. No que concerne aos cafés a imprensa republicana lançou uma campanha a favor do encerramento do café Piolho, situado na rua Direita, por ser frequentado por gente violenta e por prostitutas.

Sousa Bastos), Augusto Rocha, Chaby, Adelina Abranches, Lucíia Simões⁽³¹⁾, Ferreira da Silva, Eduardo Brazão, Ângela Pinto, etc..

Logo em 1912, o Teatro República veio ao Avenida apresentar o *Canto do Cisne*, *Correios e Telégrafos* e o *Auto da Barca do Inferno*. No Teatro da Trindade, a Companhia popular de opereta, comédia e drama levou à cena *As Pupilas do Sr. Reitor* de Júlio Dinis, que se revelaria um "esplêndido passatempo que amenizará estas longas noites de Inverno entre nós tão férteis de aborrecimento"⁽³²⁾. Nos espectáculos seguintes, a lotação da casa esgotou. Cremos que a vitalidade demonstrada pelo Teatro da Trindade, nos primeiros anos da República, apenas durou até à inauguração do Sousa Bastos, pois era impossível manter três teatros a funcionar numa cidade de reduzida dimensão. Por seu lado, a inauguração do Teatro Sousa Bastos (15 de Junho de 1914), foi feita pela Companhia do Teatro Avenida de Lisboa que era formada por artistas relevantes na cena nacional. Além de Palmira Bastos, considerada a primeira artista portuguesa de ópera-cómica, e José Ricardo actor dramático, integravam também a Companhia, Etelvina Serra, Sofia Santos, Almeida Cruz, Estêvão Amarante entre outros artistas que marcaram o teatro português durante muito tempo. O Sousa Bastos procurava, assim, atrair uma "clientela selecta e fina" demarcando-se do Teatro-Circo das últimas décadas do século XIX. A casa de espectáculos registou uma enchente para ver *A Rainha das Rosas*, bela opereta, especialmente pela música apresentada. A Companhia representou ainda *Maridos Alegres*, a opereta *Helda e Amor de Máscara*. Em todos estes espectáculos se esgotaram os bilhetes. A escolha de óperas cómicas procurava atrair um público diversificado, pois se envolvia a intelectualidade devido ao canto lírico, revestia-se também de uma certa naturalidade cómica, sem que se caísse nos espectáculos mais populares de variedades⁽³³⁾.

⁽³¹⁾ Segundo o jornal *A Academia* o público de Coimbra não sabia ver teatro e, por isso, ao dirigir-se à actriz o articulista escrevia, de forma certamente exagerada: "Tuja daqui Lucíia Simões, arrede-se dos bárbaros que a não sabem - nem podem - sentir; senhores da empresa: mandem vir cinema e revista - o pão e circo do populacho romano..." *A Academia*, n° 11,13-5-1923.

⁽³²⁾ *Jornal de Coimbra*, n° 162, 22-1-1913.

⁽³³⁾ Lígia Inês Gambini, *ob. cit.*, pp. 39-42.

Em 1911 esteve em Coimbra uma Companhia italiana de ópera comica que representou, no Teatro Avenida, a opereta *Conde de Luxemburgo*, enquanto uma Companhia de zarzuela espanhola também actuou na mesma casa de espectáculos. Nesse mesmo ano, a Companhia de opereta italiana *Cità de Firenze* deu espectáculos nesta cidade⁽³⁴⁾. Em 1914, veio a Coimbra a Companhia italiana *Caramba* que, em Lisboa, teve sucesso e que apresentou na cidade do Mondego uma série de récitas com as melhores peças do seu reportório e com as suas actrizes, "mulheres bonitas que sabem cantar bem"⁽³⁵⁾.

Inicialmente pensava-se que, com a chegada do animatógrafo, o teatro perderia público e acabaria por se extinguir. Porém, tal não aconteceu, pois este manteve, ou aumentou a sua vitalidade. Nesta cidade, ao longo do período republicano, o interesse pelo espectáculo teatral aumentou e as enchentes sucederam-se. Assim, o cinema contribuía para a educação do público, que também acabava por frequentar as sessões teatrais apresentadas sobretudo pelas Companhias de Lisboa que periodicamente se deslocavam em *tournee* a esta cidade. No entanto, convém sublinhar, que pela sua maior democraticidade o cinema ultrapassou o teatro em número de espectadores neste período. E se é certo que a nossa literatura da época era bastante pobre, neste género, também é verdade que os grupos teatrais conseguiam obter sempre textos para representar recorrendo, inúmeras vezes, a autores estrangeiros vistos com agrado geral. Na verdade, o governo da República chegou a nomear, em 1911, uma Comissão para estudar a causa da decadência do teatro português, mas as conclusões não são conhecidas e jamais deixou de se representar por falta de textos, embora a sua qualidade fosse discutível.

Muito associada ao teatro e ao cinema, a música era uma das expressões culturais mais significativas e o gosto pelos espectáculos musicais foi crescendo em Coimbra durante a vigência da República.

A música

Inicialmente não havia gosto pela música no grande público coimbricense e espectáculos como o concerto de piano de Maria Carreras não se realizaram por falta de público, facto que também se explicava pelo preço

⁽³⁴⁾ *Jornal de Coimbra*, n.º 48, 20-12-1911.

⁽³⁵⁾ *A Província*, n.º 262, 27-10-1914.

muito elevado dos bilhetes. Contudo, com os grupos musicais dos teatros, com a música ouvida nos numerosos bailes, nos quais se dançava o tango argentino⁽³⁶⁾, que estava na moda, o maxixe brasileiro e a valsa, organizados pelas colectividades recreativas - com os espectáculos da Tuna Académica⁽³⁷⁾ e do Orfeón, o público foi-se afeiçoando à música de tal forma que os concertos, realizados nos anos 20, foram um verdadeiro sucesso. Também é verdade que é provável que à semelhança do que sucedia em Lisboa em grande parte das casas burguesas de Coimbra havia piano usado por pessoas dos dois sexos. Daí que muitos serões fossem ocupados com música e canto. Parece que proliferavam as edições de pequenas partituras para piano e canto, para música clássica e ligeira, portuguesa, ou estrangeira⁽³⁸⁾.

Em 1914 tentou-se fundar uma Grande Orquestra de Coimbra formada por "Todos os bons elementos" de que a cidade dispõe, mas a iniciativa não resultou⁽³⁹⁾. Apesar disso, nesse mesmo ano era anunciado um concerto realizado pelas filhas do pianista Rey Colaço. A imprensa aproveitou o ensejo para acentuar a importância da música na educação e para valorizar a importância dos concertos no desenvolvimento dos sentimentos da arte. Dois anos depois foi anunciada a criação de uma Orquestra Sinfónica, em Coimbra, que seria dirigida pelo professor de música e pianista Teófilo Russel. E se bem que a cidade já não era "refractária" à música como noutros tempos, também esta tentativa foi frustrada⁽⁴⁰⁾. De qualquer forma o gosto pela música já era uma realidade

⁽³⁶⁾ Sobre esta dança podia ler-se num periódico local: "É moda dançar o tango, uma dança muito caricata e esquisita que entrou nos salões da primeira sociedade de muitos países, ainda os mais civilizados". E continuava "O Cardeal Pampili, vigário de Roma, acaba de ordenar aos párocos que puguem aos fiéis, ao povo e aos pais de família, que não dancem o tango, porque é uma ofensa à moral e ao poder. Quem o dançar também falta ao respeito de Deus. Pela nossa parte prometemos não cair nesse pecado". A Igreja de Roma não via com bons olhos a sensualidade e o erotismo do tango e estranhamente um jornal republicano local alinhava com as posições eticamente retrógradadas da instituição religiosa. *Gazeta de Coimbra*, n.º 263, 21-1-1914.

⁽³⁷⁾ No bairro de Santa Clara foi também fundada uma sociedade musical denominada Tuna 5 de Outubro. *Jornal de Coimbra*, n.º 127, 21-9-1912.

⁽³⁸⁾ *Nova História de Portugal Portugal da Monarquia para a República*, coord, de A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1991, p. 659.

⁽³⁹⁾ *Jornal de Coimbra*, n.º 292, 13-5-1914.

⁽⁴⁰⁾ *Gazeta de Coimbra*, n.º 481, 4-3-1916.

na cidade como se comprova com as enchentes nos dois concertos dados pela orquestra de David de Sousa. Nos saraus organizados pelos clubes recreativos também se podia ouvir música, entre outras expressões artísticas, facto que ocorria com certa frequência.

Em 1919, foi criada na cidade uma Sociedade de Concertos que se propunha organizar espectáculos musicais reunindo a elite social. Na verdade, a adesão a esta iniciativa foi grande já que a maior parte dos professores de Direito e de outras faculdades se inscreveram facto que levou à lotação dos camarotes do Teatro Sousa Bastos. A Sociedade propunha-se realizar 15 concertos tendo sido contratados alguns dos melhores artistas da época (Quarteto Rosé, a cantora Eberarhdt, Dobble Quinteto de Madrid, etc.,)⁽⁴¹⁾. A imprensa continuava a dizer que o meio artístico de Coimbra era "extremamente acanhado" e que apenas "meia dúzia de presumíveis *intelectuais* se incomoda com um concerto musical. A maior parte das vezes vai-se ouvir por puro *snobismo*. Falta-nos decididamente a cultura, a educação artística que se notou sempre nos grandes meios"⁽⁴²⁾. Na verdade, julgamos que apesar de Coimbra ser uma cidade universitária e de contar, por isso, com uma elite intelectual que faltava noutras cidades não deixava de revelar um certo provincianismo até pelo facto de ser pequena. Daí a pobreza da cultura musical, embora fosse inegável a existência de um interesse crescente pela música. Foi no quadro de tentativa de expansão desta expressão artística, que o Sexteto do Teatro Avenida começou a realizar espectáculos musicais onde tocava Schuman, Beethoven, Rossini, Meyerber e Schubert.

Se comparada com o Porto, ou com Lisboa, Coimbra encontrava-se distante no plano da cultura musical. O Porto tinha uma Orquestra Sinfónica, uma Sociedade de Música de Câmara, sociedades particulares de música e, em todos os anos, se realizavam concertos extraordinários com orquestras nacionais, ou estrangeiras, possuindo ainda o Orfeón Portuense. Por seu lado, Lisboa tinha duas Orquestras Sinfónicas, Sociedades de Música de Câmara, Sociedades de Concertos, etc. Se comparado com as duas principais cidades do país, o panorama de Coimbra, neste plano, era desolador⁽⁴³⁾. Ora, a Sociedade de Concertos procurava inverter a tendência e despertar as elites conimbricenses para a música

<41> *Idem*, n° 935,15-11-1919.

<42> *Idem*, n° 956,18-11-1919.

<43> *Idem*, n° 937, 20-11-1919.

como forma de desenvolver o gosto estético, a inteligência e a sensibilidade. Entretanto realizaram-se vários espectáculos musicais tais como os das Rey Colaço (Amélia, Maria e Alice) no Sousa Bastos e os dois concertos da Orquestra Sinfónica de Lisboa dirigida por Viana da Mota, no Avenida. Por outro lado, a Sociedade dos Concertos viria a fundar uma "Academia de Música" na qual seriam professores, entre outros, Viana da Mota. Entendia-se, em Coimbra, que a cidade continuava a ser o principal centro intelectual do país e que, a isso, devia corresponder uma cultura de elites com sensibilidade artística e musical.

Ao nível da música mais popular assistiu-se à dissolução das filarmónicas "Conimbricense" e "Boa União" e à criação, em sua substituição, da banda "1º de Maio" formada por elementos desta última, em 1912. Inicialmente a banda nem sequer tinha uniformes. Tal facto representava uma certa proletarização do grupo musical, à semelhança do que se passou noutras regiões do país. Alguma imprensa local, era bastante crítica em relação à nova filarmónica e o *Jornal de Coimbra* chegou a propor a sua extinção. Para o efeito comparava-a com as excelentes bandas da Figueira da Foz e de Aveiro, segundo o articulista, bastante superiores. Coimbra chegou a dispor de duas bandas militares - a de infantaria 35 e a de 23 - embora o seu funcionamento fosse irregular. Na realidade, a primeira seria transferida para Eivas, cidade que não dispunha de nenhuma, mas esta decisão ministerial encontrou resistências na população de Coimbra⁽⁴⁴⁾. De qualquer modo, especialmente na Primavera e inícios do Verão⁽⁴⁵⁾, a população da cidade podia ouvir música junto ao coreto da Avenida Navarro e no Jardim Botânico. Em geral, as actuações das bandas suscitavam uma larga adesão popular. Como também havia inúmeros ranchos folclóricos, as camadas populares assistiam a estes espectáculos musicais e de dança sempre com enorme curiosidade. A banda da Guarda Republicana veio a esta cidade dar dois concertos, em 1919,

⁽⁴⁴⁾ Este facto mereceu o seguinte comentário da imprensa local: "O ministro, para remediar, prometeu completar a banda de infantaria 23 que, se lhe não acodem, morre... de anemia musical". E concluía: "Quando a banda da 35 deixou esta cidade o comércio de Santa Clara encerrou as suas portas, como protesto, indo muita gente até à estação acompanhar os músicos, à maioria dos quais uma tal transferência veio custar enormes prejuízos", *A Humanidade*, n.º 82, 14-11-1912.

⁽⁴⁵⁾ No Verão grande parte da população de Coimbra ia a banhos para a Figueira da Foz pelo que as actividades culturais eram suspensas.

tocando essencialmente música clássica. Tais eventos foram um verdadeiro sucesso sócio-cultural.

No campo da divulgação musical o Orfeón e a Tuna Académica desempenharam um papel fundamental. O primeiro actuaria em Paris, em 1911, e dirigido por António Joice durante alguns anos, preparou uma viagem ao Brasil, Argentina e Uruguai⁽⁴⁶⁾ que não chegou a realizar-se, porque nos últimos momentos 25 orfeonistas não quiseram deslocar-se à América do Sul. Este facto levou à dissolução do Orfeón que seria reorganizado, a partir de 1914 e passaria a ser dirigido por Elias de Aguiar⁽⁴⁷⁾. Após o reinício das suas actividades, o grupo continuou a fazer espectáculos de norte a sul do país e também actuou em saraus realizados em Coimbra. O seu prestígio era de tal forma grande que se exibiu, em Lisboa, nos Teatros S. Carlos e República e nas principais cidades do país. Em 1923, viajou até Espanha com a Tuna tendo actuado em Madrid, Valladolid e Salamanca. Após a sua "viagem triunfal" deram novo sarau no Teatro Avenida. No canto destacava-se, na altura, António Menano sempre muito aplaudido pelo público⁽⁴⁸⁾. A Tuna Académica foi bastante solicitada para espectáculos em todo o país, que percorreu de norte a sul. Em 1912 teria havido um incidente com este grupo musical que se teria recusado a tocar o hino nacional na sua digressão pelo Algarve⁽⁴⁹⁾. Eram os reflexos da política na arte em consequência da ruptura originada pelo "5 de Outubro" de 1910, que dividia os grupos sociais e que se reflectia no interior do grupo. Sabemos que, mais tarde, a Tuna tocava o hino nacional em diversas ocasiões. Este grupo artístico era um ramo da Associação Académica a qual se encontrava em crise, pelo menos até 1914, dado que os estudantes preferiam formas de sociabilidade como o café, o Teatro Sousa Bastos e o seu animatógrafo ou a "roleta"⁽⁵⁰⁾. Porém, os dirigentes associativos procuravam alterar a situação atraindo os seus colegas - havia 2.000 alunos incluindo os dos liceus - através da realização de espectáculos de teatro (ex. sarau Viana da Mota⁽⁵¹⁾, em 1914), ou musicais e fomentando os desportos mesmo que faltasse um ginásio completo.

⁽⁴⁶⁾ *A Província*, nº 12,17-5-1912.

⁽⁴⁷⁾ *Idem*, nº 263, 30-10-1914.

⁽⁴⁸⁾ *A Academia*, nº 11,13-5-1923.

⁽⁴⁹⁾ *Jornal de Coimbra*, nº 72,13-3-1912.

⁽⁵⁰⁾ *Academia Portuguesa*, nº 3, 28-11-1914.

⁽⁵¹⁾ Executou obras-primas de Strauss, Mozart, Chopin e Liszt e foi acompanhado no canto pela sua esposa Berta da Mota.

Estranhamente nos anos 20 começou a discutir-se, em Coimbra, a construção de um edifício que servisse de praça de touros; e de circo. E se este último não seria realidade, a praça de touros foi edificada no Rocio de Santa Clara e inaugurada, em 1925, com o apoio crítico de certa imprensa local. Tal facto, desvirtuava todo o esforço dispendido na Iª República no sentido de transformar a cidade e de a dotar de uma elite intelectual de horizontes culturais rasgados pelas ciências e pelas artes. Convém referir, neste ensejo, que na altura o futebol já era um desporto muito popular na cidade sendo praticado por muitos jovens.

Os clubes recreativos e culturais e as festas

Tal como noutras cidades, os habitantes de Coimbra não cingiam os seus tempos de lazer à vida familiar, ou ao confinamento da casa. Pelo contrário, associavam-se em clubes recreativos e culturais os quais desempenhavam um papel essencial na agregação dos indivíduos e na socialização da existência. Cafés, tabernas e clubes eram essenciais na vida social dos cidadãos e no convívio familiar. Mas havia outras estruturas associativas onde os indivíduos se agrupavam - o Ateneu Comercial⁽⁵²⁾, a Sociedade de Defesa e Propaganda, a Federação Operária, o município, a imprensa local, as Associações dos Artistas, dos Caixeiros e dos Socorros Mútuos dos Artistas de Coimbra. Na cidade, existiram o Coimbra-Centro, o Ginásio-Clube, Clube Operário, o Sport Grupo Conimbricense, o Grupo Recreativo Patélico e outros. No plano político, foram criados os Centros Republicanos de Santa Clara, Fernandes Costa, Ramada Curto⁽⁵³⁾ e Republicano Democrático José Falcão. Aqueles eram algumas das associações que promoviam reuniões familiares, organizavam bailes, onde se dançava até altas horas da madrugada ou, noutro registo, faziam propaganda política⁽⁵⁴⁾.

⁽⁵²⁾ Organizava passeios de estudo, conferências e dispunha de uma biblioteca. *Jornal de Coimbra*, n.º 43, 2-12-1911.

⁽⁵³⁾ Este Centro dispunha de um pequeno teatro onde se realizavam, por vezes, saraus dramáticos e onde se organizavam conferências como a de Tomás da Fonseca, em 1912, sobre propaganda republicana. *A Humanidade*, n.º 31,16-5-1912. Os socialistas dispunham do Centro José Fontana que mantinha alguma actividade política.

⁽⁵⁴⁾ Nem todos concordavam com a realização dos bailes como se comprova com a leitura do moralista Luiz Leitão que publicou um artigo intitulado 'Os bailes são desnecessários'. *Idem*, n.º 274,11-3-1914.

Para além do tango e da valsa dançava-se o maxixe, *two-step*, *slow*, *paso doble*, etc. Por vezes, os clubes promoviam festas nas quais se podia ouvir poesia, fados e guitarradas, música de violino e violoncelo. Havia uma verdadeira concorrência entre estas sociedades que organizavam festas como as do carnaval. Em geral, o carnaval de rua era bastante pobre na cidade, mas as colectividades organizavam bailes durante os três dias desta quadra festiva e os sócios das colectividades divertiam-se imenso nesses momentos de lazer activo. Por vezes, organizavam-se saraus representando-se monólogos, cançonetas e comédias⁽⁵⁵⁾. Durante todo o ano realizavam-se bailes, embora as festas das flores, na Primavera, fossem bastante participadas por gente que trabalhava, mas que procurava o prazer nesses verdadeiros encontros sociais. Por outro lado, a ida ao clube fazia-se também para simplesmente conviver, ou assistir a saraus e ouvir música. Certamente que os clubes recreativos se estruturavam por classes sociais, mas as fontes disponíveis não nos permitem classificá-los. Contudo, sabe-se que, por exemplo, o Ginásio Clube era frequentado pela elite conimbricense, enquanto o Clube Recreativo Operário organizava bailes, saraus dramáticos com comédias e reuniões familiares destinadas às classes trabalhadoras⁽⁵⁶⁾ 57. Ao longo dos anos dezenas de clubes e sociedades existiram em Coimbra tendo alguns atravessado períodos de sucesso, logo sucedidos por fases de decadência. Para além das actividades referidas alguns tiveram as suas bibliotecas, os seus gabinetes de leitura, as suas salas de jogo, aulas para instrução dos sócios, etc. Segundo o testemunho de um jornalista local da época pode mesmo dizer-se que os clubes "são de mais para o movimento local. A crise da abundância faz dividir o número de associados e portanto dar menos elementos de vida a cada um deles".⁽⁵⁷⁾

Por seu lado, os poetas também eram contagiados pela alegria das festas das flores e realizaram uma na qual houve uma recitação de poesia participada por Afonso Duarte, Mota Guedes, Augusto Casimiro, Marques da Cruz, José da Cunha, Fernando Correia e Acácio Leitão⁽⁵⁸⁾. A festa também teve um sarau levado a efeito pela Tuna Académica da Universidade

<55> *Idem*, n.º 67, 24-2-1912.

i56* *Idem*, n.º 49,23-1-1911.

(57) *Gazeta de Coimbra*, n.º 351, 2-2-1914.

<58> *Idem*, n.º 92, 22-5-1912.

que executou o hino nacional, o Orfeón que cantou uma miscelânea de cantigas populares, Aarão de Lacerda que tocou órgão e executou trechos musicais, caricaturistas, fados populares e guitarra. Como não podia deixar de ser houve um discurso pronunciado pelo escritor Joaquim Martins Manso⁽⁵⁹⁾. Em geral, no mês de Julho, organizavam-se "os folguedos usuais" com as fogueiras e a participação de ranchos folclóricos⁽⁶⁰⁾.

Com o "5 de Outubro", as festas da cidade foram interrompidas, mas logo em 1911, a Associação Comercial pretendeu levá-las a efeito. No ano imediato, a Associação Comercial e a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra reuniram com delegados do município para discutir a sua organização, em Julho, em substituição das antigas festas da Rainha Santa. Nessa reunião uma voz isolada defendeu a inclusão da procissão da Rainha Santa nos festejos, proposta logo contestada pelos republicanos que, de acordo com a legislação vigente, pretendiam confinar o culto religiosos ao interior das igrejas⁽⁶¹⁾. Em virtude do desinteresse do público e do próprio comércio, em reunião havida com as colectividades e na presença da imprensa local, decidiu-se não organizar as festas da cidade em 1912, embora tivesse havido, no mosteiro de Santa Clara, missa solene e sermão. Era difícil acabar com as festas da Rainha Santa substituindo-as pelas festas da cidade. Por isso, as organizações promotoras do evento procuraram fazer coincidir as duas festas, mesmo que não houvesse manifestações do culto externo⁽⁶²⁾. Em 1913, foram anunciadas as festas com a vinda do Presidente da República para inaugurar a estátua de Joaquim António de Aguiar, cortejo cívico com todas as classes sociais, orfeons, bandas de música, grupos musicais e carros alegóricos⁽⁶³⁾ ⁶⁴. Previa-se ainda a inauguração do Museu Machado de Castro⁽⁶⁴⁾, corridas de bicicletas, danças de tricanas, bandas militares e festas religiosas à

⁽⁵⁹⁾ *Idem, ibidem.*

⁽⁶⁰⁾ *Idem, n° 104, 3-7-1912.*

⁽⁶¹⁾ *Idem, n° 78,3-4-1912.*

⁽⁶²⁾ *Gazeta de Coimbra, n° 79, 3-4-1912.*

⁽⁶³⁾ A Associação Comercial informara a Câmara da realização das festas da cidade em Junho e solicitara a colaboração da edilidade através da representação no cortejo cívico com um carro alegórico. *Anais do Município de Coimbra, 1904-1919*, Coimbra, Ed. da Biblioteca Municipal, 1952, p. 177.

⁽⁶⁴⁾ Não seria inaugurado, mas foi aberto ao público em 1913.

Rainha Santa organizadas pela confraria⁽⁶⁵⁾. Estas festas não se realizaram em virtude do protesto de Coimbra contra o desdobramento da Faculdade de Direito levado a cabo pelo governo⁽⁶⁶⁾. A confraria organizaria as festas da Rainha Santa, em 1913, no interior do templo e, em 1915 voltaria a haver festejos⁽⁶⁷⁾. Nesta data realizaram-se as festas da Rainha Santa e, segundo a imprensa local, teriam vindo à cidade 40.000 forasteiros facto que animou a actividade comercial. De acordo com a mesma fonte assistiram à passagem do cortejo religioso 60.000 pessoas de entre as quais apenas "umas vinte se não descobriram" facto que provaria "que a percentagem de livre-pensadores é pequeníssima". Defendendo a realização da festa religiosa, o articulista concluía: "Quem é republicano continua a ficar republicano; quem é monárquico continua a ficar monárquico; quem é católico fica católico e quem é ateu ou livre-pensador fica sendo o que é"⁽⁶⁸⁾. A partir daqui as festas continuaram a realizar-se, de dois em dois anos, despovoando-se a cidade para "ir em romaria ao templo onde se guarda o corpo venerando da Padroeira de Coimbra"⁽⁶⁹⁾.

Os cafés e a intelectualidade

Numa cidade como Coimbra os cafés desempenhavam uma função social importante já que era aí que as pessoas se encontravam para conversar, ler o jornal, ou o pequeno livro e para se associarem num ambiente social mais alargado que a família. A população que frequentava essas casas situadas, sobretudo, na Baixa era jovem e os estudantes davam-lhes um carácter próprio não obstante a crise universitária aberta pela República. O movimento principal da cidade concentrava-se nas ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, Largo Miguel Bombarda, Praça 8 de Maio e parte da rua da Sofia pelo que era nesta área da cidade que se situavam os cafés. A moda destes estabelecimentos comerciais é

<65> *A Humanidade*, n.º 143, 26-6-1913.

<66> *Idem*, n.º 162, 14-9-1913.

(67) O operariado fazia a sua festa no I.º de Maio proclamado feriado em Coimbra como a expressão de "tolerância e solidariedade" por parte da cidade.

(68) *Gazeta de Coimbra*, n.º 411, 3-7-1915.

<69> *Idem*, n.º 626, 4-8-1917.

essencialmente dos anos 20, mas já antes existiam vários cafés na cidade. Sabe-se que o *Montanha*, em pleno Largo Miguel Bombarda (actual Largo da Portagem), já existia em 1911, assim como a pastelaria Teles e, também se sabe, que o *Café Central* estava aberto, em 1914. No ano seguinte, a imprensa anunciava a inauguração do *Café Europa*, na rua Ferreira Borges. Por essa altura, também existiriam pequenos cafés na Alta e especialmente junto ao Teatro Sousa Bastos⁽⁷⁰⁾. O emblemático café *A Brasileira*, situado na rua Ferreira Borges, foi fundado em 1921⁽⁷¹⁾, por uma empresa do Porto num momento em que a imprensa local clamava por cafés de luxo, por um clube de excelência e por um casino que se assemelhasse ao Casino Peninsular da Figueira da Foz⁽⁷²⁾. Queriam alguns, à viva força, modernizar Coimbra, mas não contavam com a escassez de empresários da cidade dispostos a correr o risco de investimentos financeiros de rentabilidade incerta.

Em 1921 era anunciada a "montagem" do café de Santa Cruz para o qual já existia um projecto do arquitecto Jaime Santos. Pelo facto do projectado estabelecimento se situar na igreja de S. João Baptista, ou de S. João da Cruz, levantou-se forte polémica na imprensa local e nacional. A *Gazeta de Coimbra*, favorável ao café, argumentava que o templo fora secularizado "há mais de sessenta anos" e que "ali estiveram estabelecidos um armazém de ferragens, uma esquadra de polícia, armazém de canalizações, casa funerária, uma estação de bombeiros, uma relojoaria e não sabemos se mais alguma coisa"⁽⁷³⁾. Sendo assim, o articulista não via qualquer inconveniente com a construção do café manuelino tanto mais que se pretendia preservar a abóbada da capela-mor, enquanto os azulejos foram oferecidos ao Museu Machado de Castro. Diziam os "empatas"

⁽⁷⁰⁾ A imprensa local era muito crítica em relação à ausência de bons clubes e cafés e de um casino para 800, ou 1.000 pessoas. Segundo um destes periódicos não existia um café "onde possam permanecer mais de quarenta indivíduos", *idem*, nº 446, 3-1-1915.

⁽⁷¹⁾ Sobre a história deste café leia-se, Alberto Vilaça, *À Mesa d'A Brasileira*. *Cultura, Política e Bom Humor*, Santa Maria da Feira, Calendário de Letras, Lda., 2005.

⁽⁷²⁾ Um dos casinos mais famosos do país era o do Monte Estoril, perto de Lisboa. As pessoas pertencentes às classes sociais endinheiradas reuniam-se para dançar, tomar chá e assistir a alguns espectáculos nos casinos situados nos centros de veraneio. *Nova História de Portugal. Portugal da Monarquia para a República*, coord. de A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1991, p. 667.

⁽⁷³⁾ *Gazeta de Coimbra*, nº 1119, 1-9-1921.

que o estabelecimento de "luxo" representava uma profanação do templo de Santa Cruz que não queriam "saber que tenha havido lojas para venda de vinho nos baixios das igrejas de S. Bartolomeu e de S. Salvador, sem perigo algum de profanação destas igrejas"⁽⁷⁴⁾. Enquanto as obras avançavam e os Centros políticos de Coimbra as apoiavam, o Conselho de Arte e Arqueologia preparava-se para intervir em nome da defesa do património histórico. E de tal forma se estabeleceu a polémica que os conservadores levaram a questão ao Parlamento onde um deputado fez um protesto contra a obra. Na cidade, a opinião era favorável à construção do café, visto tratar-se de um "melhoramento para a terra" com excepção do jornal católico *Restauração*. Este argumentava que se tratava de uma dependência de Santa Cruz e que, por isso, deveria ser considerado um monumento nacional. A campanha contra o café deu os seus resultados, pois as obras foram embargadas, facto que provocou desagrado na opinião pública. A imprensa local avançada responsabilizou o engenheiro, Abel Dias Urbano, presidente do Conselho de Arte e Arqueologia pela paragem da construção⁽⁷⁵⁾. No calor da polémica houve correspondência trocada ente o presidente deste organismo e a imprensa e a questão dominava a opinião da cidade. A *Gazeta de Coimbra* lembrava que nos últimos anos tinham sido secularizadas cinco igrejas na cidade - a de Santa Teresa, que servia de caserna; a das Ursulinas, que funcionava como enfermaria; a de S. João de Almedina, sem aplicação alguma; a de S. Pedro, que servia de cantina e a da Estrela que era um simples depósito de máquinas de costura⁽⁷⁶⁾. Ora tudo isso se fizera sem que tivessem sido levantados obstáculos. Por fim, aquele organismo acabou por autorizar o reinício dos trabalhos desde que se fizessem algumas alterações. A imprensa favorável à edificação do estabelecimento regozijou-se com a decisão e um dos articulistas escrevia que "pela sua grandiosidade, luxo, elegância e condições artísticas, não terá rival no nosso país..."⁽⁷⁷⁾. Finalmente, em 1923, depois de muita discussão travada na imprensa abriu o café-restaurante de Santa Cruz no mesmo momento em que também era inaugurada a Pastelaria Central uma das "mais chics do nosso país"⁽⁷⁸⁾.

<74> *Idem*, n.º 1204, 13-9-1921.

<75> *Idem*, n.º 1235, 26-11-1921.

<*> *Idem*, n.º 1238, 6-12-1921.

TM *Idem*, n.º 1330, 25-7-1922.

<78> *Idem*, n.º 1542, 29-12-1923.

Numa cidade dotada de uma elite intelectual significativa é provável que a origem das tertúlias literárias, artísticas e políticas nos cafés seja do período republicano e também é possível que as revistas que então foram publicadas tivessem sido concebidas nestas casas de convívio. Lembremos que, em 1912, começou a ser editada a *Dionysos, Revista Mensal de Filosofia, Ciência e Arte* na qual colaboraram Mendes Correia, Fidelino de Figueiredo, António Sardinha, Bento Carqueja, Afonso Lopes Vieira, Afonso Duarte, Paulo Merêa e Domitília de Carvalho. Também, nesse ano, apareceu *A Rajada* dirigida por Afonso Duarte e Correia Dias e nela colaboraram autores como Mário Beirão, Manuel de Sousa Pinto, Manuel Laranjeira, Joaquim Martins Manso, Augusto Casimiro, Júlio Brandão, Jaime Cortesão, Vergílio Correia, Almada Negreiros (desenho) e Manuel Eugénio Massa. Em 1914, foi dada à estampa *A Galera, Revista Quinzenal de Arte e Ciência* e nela escreveram, entre outros, Eugénio de Castro, Alfredo Guizado, Afonso Duarte, visconde de Vila Moura e Mário de Sá Carneiro. Por fim, em 1924-1925, surgiu a revista *Tríptico, Arte, Poesia e Crítica*, com colaboração de Vitorino Nemésio, Vergílio Correia, João Gaspar Simões, Tomás da Fonseca, Teixeira de Pascoais, Afonso Duarte, Augusto Casimiro, José Régio e Branquinho da Fonseca. Ou seja: os intelectuais da revista *Presença* e do Segundo Modernismo iniciaram a sua actividade literária precisamente nesta pequena publicação. Julgamos que a Coimbra dos jovens intelectuais encontrou nos cafés o lugar de encontro (e, por vezes, de desencontro...), enquanto as tabernas e as cervejarias, frequentadas pelas classes sociais mais "baixas" se adequavam mais à discussão típica de ambientes barulhentos.

As conferências

Numa cidade universitária como era Coimbra realizavam-se muitas conferências proferidas por nacionais e estrangeiros nas quais participava um certo público. Todavia, tais eventos eram de frequência irregular dado não haver geralmente ciclos de conferências devidamente planeados. Apesar disso, o Reitor da Universidade, Manuel de Arriaga organizou, um conjunto de conferências, na Sala dos Capelos, logo em 1911, que foram muito participadas por académicos e *porfutricas*⁽⁷⁹⁾. As conferências nem

⁽⁷⁹⁾ *Notícias de Coimbra*, n.º 352,4-2-1911.

sempre versavam sobre temas apelativos e não encontravam, muitas vezes, a devida divulgação por parte da Universidade.

Palestras como a do professor da Universidade Alves dos Santos, no Ateneu Comercial sobre o "Estado da Educação em Portugal", ou de Maria Feio, na Universidade e no Instituto de Coimbra, sobre "A elevação do nível da mulher na sociedade", ou ainda de João de Deus Ramos, no Colégio Mondego, sobre o "Ensino Jesuítico em Portugal" e de Sebastião de Magalhães Lima no mesmo estabelecimento de ensino atraíam, com alguma frequência, um público interessado. As conferências científicas realizavam-se, em geral, no Instituto de Coimbra e na Sala dos Capelos e várias eram proferidas por intelectuais estrangeiros que vinham a esta cidade. O intercâmbio científico com as Universidades espanholas era razoável e isso devia-se, em muito, à acção de Costa Lobo, professor de Astronomia que estabelecera relações privilegiadas com algumas instituições de ensino superior do país vizinho. De facto, este universitário participou em congressos científicos, em Espanha e convidou colegas desse país para virem a Coimbra realizar palestras⁽⁸⁰⁾. De salientar também a conferência do conde de Penha Garcia, na Sala dos Capelos (1916) sobre a "Luta económica depois da guerra". A assistência a esta palestra era "bastante numerosa e selecta"⁽⁸¹⁾, como se podia ler num jornal local. Entretanto, abria-se um novo ciclo de conferências organizado pelo Instituto de Coimbra dirigido por Costa Lobo. Não podemos, obviamente, mencionar todas as lições proferidas na Universidade, mas podemos referir algumas que nos parecem ter sido mais significativas. Como exemplo, temos as conferências anunciadas do professor Hamon da Universidade Nova de Bruxelas sobre política mundial, movimento religioso no mundo e a internacional socialista⁽⁸²⁾. Por outro lado, o Reitor da Universidade de Toulouse visitou Coimbra e proferiu uma palestra na Universidade, precedida pelas palavras do Reitor da nossa Universidade, Mendes dos Remédios. Mais tarde (1921), o professor Guillot, da Faculdade de Letras de Estrasburgo proferiu uma série de conferências sobre "Literatura moderna", seguidas pela palestra de Lucien Gallois, professor da

⁽⁸⁰⁾ *Gazeta de Coimbra*, n° 449, 13-11-1915.

<⁸¹> *Idem*, n° 558, 2-12-1916.

<⁸²> *Idem*, n° 653, 7-11-1917.

Faculdade de Letras de Paris, versando sobre a "Unidade Francesa"⁽⁸³⁾. O prestígio da Universidade de Coimbra no estrangeiro continuava a ser grande e, por isso, vinham vários professores de diferentes países a esta cidade em missão científica. Foi o que sucedeu com o regresso de Hubert Guillot, que deu uma lição, na Sala dos Capelos sobre "As grandes correntes de ideias e de arte em França no século XIX", com a vinda de Daniel Mornet e de Tharmini da Universidade de Bordéus⁽⁸⁴⁾. Contudo, este não pôde realizar a sua conferência no dia 1 de Maio por ser feriado. A estes eventos científico-culturais acorriam, sobretudo, professores e alunos. A Universidade de Coimbra viria a homenagear Pasteur, através de uma lição do professor João Marques dos Santos, que explicou como a Faculdade de Medicina de Coimbra seguiu os trabalhos deste cientista ao criar, em Portugal, o primeiro laboratório de Microbiologia⁽⁸⁵⁾.

Fora da Universidade é justo referir a conferência, sobre "Socialismo e Anarquismo", do acra ta Bartolomeu Constantino que, na União Geral dos Trabalhadores, à maneira de Bakounine, defendeu a destruição do Estado e a realização da igualdade social⁽⁸⁶⁾. Segundo a imprensa, esta palestra teria sido muito concorrida. Em 1914, o Grupo Karl Marx resolveu iniciar uma série de conferências de propaganda associativa que tiveram lugar na Federação Operária, União Geral de Trabalhadores, Artes Gráficas, Ateneu Comercial, Associação dos Artistas, União Artística, Associação Comercial e Sport Grupo Grémio Operário⁽⁸⁷⁾. Já no fim da Iª República (1926) António Sérgio veio a Coimbra proferir uma lição sobre "O problema agrário na História de Portugal". Por seu lado, a Associação Cristã de Estudantes de Coimbra organizaria também uma conferência sobre "Os estudantes e o problema mundial", proferida pelo professor Charles Hurrey e presidida pelo Reitor da Universidade, António Luís Gomes⁽⁸⁸⁾.

⁽⁸³⁾ *Idem*, n° 1227, 8-11-1921. Segundo um jornal local "A assistência não foi grande, sendo nós informados de que isto se deve atribuir à falta de convites à academia, à imprensa e a outras entidades e colectividades. Também ros lembram que convirá mais que as conferências que se seguirem sejam feitas de dia e não de noite", *idem*, n° 1228,10-11-1921.

⁽⁸⁴⁾ *Idem*, n° 1297, 4-5-1922.

⁽⁸⁵⁾ *Idem*, n° 1409, 6-2-1923.

⁽⁸⁶⁾ *Jornal de Coimbra*, n° 87, 5-12-1912.

⁽⁸⁷⁾ *Gazeta de Coimbra*, n° 328,12-9-1914.

⁽⁸⁸⁾ *A Academia*, n° 2,1-2-1923.

Conclusão

Julgamos que a implantação da República contribuiu para uma maior democratização da cultura e para a sua mudança qualitativa ainda que tivessem persistido linhas de continuidade vindas do período da Monarquia Constitucional. É certo que a ruptura provocada pelo "5 de Outubro" foi essencialmente política, mas não deixou de ter os seus reflexos na sociabilidade urbana. Por isso, Coimbra teria que sentir os efeitos de uma actividade política intensa sustentada pelos clubes políticos e ampliada pela numerosa imprensa local. Importa saber que, para além do trabalho, as pessoas viviam os seus momentos de ócio associando-se e escolhendo os caminhos da emoção estética como forma de fruição da cultura. Na pequena Coimbra, da segunda década do século XX, podia ver-se cinema mudo - o público revelava grande predilecção pelos filmes de Charles Chaplin - teatro de comédia, ópera-cómica, drama, ou algum teatro de revista mesmo que na cidade não se produzisse quase nenhum teatro. Nos clubes assistia-se aos saraus, dançava-se o tango e a valsa, ou participava-se em reuniões familiares. Nos teatros ouvia-se música, assistia-se a espectáculos com bailarinas estrangeiras, ou protestava-se, porque os bilhetes esgotavam e pelo facto de uma parte do público não saber comportar-se nas sessões teatrais. Contudo, se a ida ao cinema poderia ser diária, o teatro já era mais espaçado no tempo uma vez que tinha que se esperar que viessem as Companhias de Lisboa, por vezes do Porto, ou do estrangeiro. A ópera-cómica italiana tinha grande aceitação e, quando vinha alguma Companhia desse país, tal transformava-se num grande acontecimento. É claro que, nesta cidade de província, também havia lugar para o tédio e para o aborrecimento especialmente nas longas noites de Inverno quando nada acontecia. O carnaval de rua era quase inexistente, ou assumia formas pouco dignas, mas as Sociedades enchiam-se e dançava-se até ao alvorecer em clubes que viviam em verdadeira concorrência. Com a chegada da Primavera, as senhoras organizavam os bailes das flores sempre muito concorridos. O 1º de Maio era comemorado pelos trabalhadores não como uma grande jornada de luta, mas como a manifestação de um ritual que era necessário cumprir, apesar das influências dos socialistas e anarquistas muito activos, mas francamente minoritários. Como se disse, Coimbra, no Verão, ia a banhos para a Figueira da Foz e encontrava o Grande Casino Peninsular que não deixava de causar alguma inveja entre jornalistas e outras pessoas da cidade universitária. No Outono comemorava-se o

"5 de Outubro" ao som das bandas 1º de Maio, de Taveiro, Verride, ou das filarmónicas militares quando estas não se encontravam em crise. A Universidade viveu momentos conturbados sequentes à perda da sua situação de quase monopólio no ensino superior e em virtude de uma conjuntura caótica criada pelo "5 de Outubro". A Associação Académica sentiu a "deserção" dos estudantes provocada pelos "cursos livres" os quais só paulatinamente voltaram a frequentar as suas instalações participando na Tuna Académica, no Orfeón e nos desportos então em voga. Nessa altura, podia ver-se em Coimbra futebol (muito popular), assistir-se a corridas de bicicletas, ou observar-se desportos motorizados.

O público que participava na vida cultural da cidade era heterogéneo, embora se saiba que as elites frequentavam as casas de espectáculos, assim como as classes médias urbanas. Os professores universitários assistiam, certamente, ao teatro de melhor qualidade assim como os intelectuais que animaram as revistas publicadas na cidade e os estudantes que viviam, muitas vezes, em tensão com os *fultricas*. Os trabalhadores tinham as suas organizações sindicais, os seus clubes recreativos e as suas organizações políticas. Nesta altura, o anarquismo exercia alguma influência política e o marxismo não era de todo desconhecido. Lugar de convívio e de sociabilidade eram certamente as famosas tabernas de Coimbra, mas não conseguimos encontrar fontes que tivessem registado a vida social nesses lugares. Também é verdade, que havia uma certa marginalidade, como referimos, especialmente num dos cafés da rua Direita, depois transferido para o Largo da Sota onde indivíduos violentos e prostitutas conviviam com natural dificuldade. Enfim, apesar do analfabetismo que rondaria os 70% da população da cidade - à semelhança do que acontecia com as outras urbes⁽⁶⁹⁾ -, havia uma certa vida cultural não só pelo que dissemos, mas também, porque Coimbra dispunha de Museus como o Machado de Castro, ou os da própria Universidade e mantinha uma actividade cultural relativamente intensa especialmente na Universidade, nos Teatros, nos cafés, que já existiam na Babea da cidade, nos botequins da Alta, nas cervejarias, tabernas e na própria rua.

m Apesar dos esforços republicanos, o combate ao analfabetismo não logrou alcançar uma vitória. Na verdade, se na década de 10 ainda havia mais de 75% de analfabetos (1911), em 1920 a taxa de analfabetismo apenas diminuíra para 70,5% e para 67,8% em 1930. Fernando Catroga e Paulo Archer de Carvalho, *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 276.